

## CALVIN E HAROLDO: A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DISCURSIVA DAS PERSONAGENS NAS CENAS NARRATIVAS DA ESCOLA

Alessandra Gomes da Silva (UFPB)  
xanda\_pe@hotmail.com

### INTRODUÇÃO

A palavra, ora proferida, pode designar uma representação de si, por isso, para os analistas do discurso, através dos atos de enunciação podemos apreender o *ethos* do sujeito, compreendendo traços da personalidade ou caráter dele que podem ser reais ou não. “A eficácia do *ethos* reside no fato de ele se imiscuir em qualquer enunciação sem ser explicitamente enunciado” (MAINGUENEAU, 2008, p. 13), ou seja, ele pode ser apenas percebido.

Diante disso, nessa pesquisa, construiremos a imagem discursiva impressa pelos sujeitos da enunciação no complexo universo das tiras cômicas “Calvin e Haroldo” de Bill Watterson, refletindo acerca da construção da identidade social dos personagens da professora e do diretor da escola frequentada pelo personagem principal, que é o garotinho Calvin, associando ao olhar da alteridade, já que nos depreenderemos a imagem reproduzida por ele enquanto estudante em relação aos outros dois personagens, uma vez que, “o *ethos* é fundamentalmente um processo interativo de influência sobre o outro” (MAINGUENEAU, 2008, p. 17).

Tiras cômicas são gêneros textuais narrativos que possuem uma sequência de quadros, de um a quatro, com temáticas que exprimem valores, comportamentos e pensamentos, representados de maneira satírica e crítica não precisando, contudo, necessariamente apresentar humor, embora este recurso seja predominante nesse tipo de produção artística.

Esse gênero possui um personagem principal e outros personagens considerados secundários que são “de épocas remotas, de países diferentes, ou ainda, animais, que representam o que há de universal na condição humana. A estereotopia dos personagens facilita sua identificação por parte de leitores das mais diversas culturas”. (NICOLAU, 2007 p. 25)

As narrativas desse gênero que apresentam uma conotação voltada para a comicidade são denominadas de tirinhas ou tiras cômicas ou, ainda, tiras humorísticas, já que circunstancialmente provocam ou têm a intenção de provocar o riso em seus interlocutores. Sua organização caracteriza-se pela combinação de imagens sendo, por isso, consideradas como narrativas figuradas, e enunciados verbais que unidos constroem o movimento comunicativo desse texto que circula periodicamente em livros, revistas e jornais impressos.

As tiras que compõem o *corpus* desse estudo foram extraídas da primeira coletânea de Watterson que já possui várias edições publicadas, intitulada “Calvin e Haroldo: e foi assim que tudo começou.” Portanto, nosso objeto de estudo é o discurso dos interlocutores dos textos visando à investigação da interação verbal na composição dos valores e papéis sociais desses sujeitos na escola.

## **Tirinhas cômicas: um breve percurso histórico**

As histórias em quadrinhos no formato que conhecemos hoje, agregando as imagens em ação nos quadros à voz dos personagens em balões, têm sua origem nas publicações do americano Richard Outcault no jornal “New York World”. Intitulada “The yellow kid” e publicado pela primeira vez em 1895, essas publicações destacaram-se de tal maneira naquela época que impulsionaram o aumento na venda do jornal, resultando no interesse de outros influentes jornais da época como o “New York Journal”.

Mais adiante, surgiram outros inúmeros personagens ocupando diversas páginas dos noticiários dominicais do século XIX, logo, as tiras em quadrinhos na presente configuração que conhecemos, surgiram devido ao pouco espaço para esse tipo de publicação nesses veículos de comunicação. As primeiras publicações consolidadas nesse formato são as narrativas dos personagens “Mutt e Jeff” do americano Bud Fisher.

Nesse mesmo período destacam-se outros importantes autores de tiras, também americanos, a exemplo de Rudolph Dirks, com sua produção “The Captain and the Kids”, datado de 1897, e George McManus com “Bringing up father” de 1913. Como vimos, “o celeiro da criação de tirinhas foram os Estados Unidos com a força de suas empresas de distribuição” (NICOLAU, 2007, p. 14), a maioria delas já se destacavam por se configurarem como um gênero que estampava, com um viés de criticidade e humor, os sentimentos e costumes da sociedade da época.

Ainda no início de século XX, surgem as primeiras empresas encarregadas pela distribuição das produções em quadrinhos ao redor do mundo, Nicolau, citando Magalhães (2006b) afirma que elas:

[...] contratam os desenhistas para produzirem as narrativas em quadrinhos já previamente aprovadas. Essas quadrinizações são encaminhadas para serem corrigidas e padronizadas comercialmente, uma vez que serão distribuídas para serem veiculadas em sociedades do mundo inteiro. (2007, p. 14)

Ao longo dessa trajetória, essas verdadeiras narrativas gráficas foram propagadas em vários países tornando-se um importante produto cultural de linguagem criativa e própria. No Brasil, as primeiras publicações foram ainda no século XIX, tendo como um dos precursores Angelo Agostini com seu personagem “Zé Caipora”, em seguida surgiram vários outros autores, entre os de maior divulgação está o autor Maurício de Sousa, criador da célebre série de revistas “Turma da Mônica”. As primeiras edições desse autor foram em formato de tiras publicadas no Jornal Folha da Manhã, atual Folha de São Paulo, em 1959 com as histórias de “Bidu”, personagem bastante conhecido do público leitor de quadrinhos.

Para tanto, ao longo de sua trajetória, as tirinhas conquistaram o público leitor desde sua origem até os dias atuais, com temáticas contemporâneas contornadas por um humor crítico relacionado a uma linguagem de estilo leve e informal que representa, através da escrita, a fala dos indivíduos.

## Noção teórica de *ethos*

Em sua etimologia, a palavra *ethos* significa hábitos, valores e ética, representando o caráter ou comportamento característico de um homem ou grupo social. A noção teórica desse termo retoma a antiguidade grega, época de Aristóteles, “os antigos designavam pelo termo *ethos* a construção de uma imagem de si destinada a garantir o sucesso do empreendimento oratório” (AMOSSY, 2005, p. 10). Assim, nesse período acreditava-se que através do discurso o orador causava uma boa imagem, pois através dessa boa impressão causada ele conseguiria a adesão do outro.

A enunciação era o recurso maior para transmitir o caráter moral de uma pessoa, e quanto mais eficaz sua capacidade discursiva, melhor a imagem do locutor e maior era o seu poder de persuasão, ainda que, essa imagem constituída não representasse a realidade, embora parecesse.

Vê-se que o *ethos* é distinto dos atributos “reais” do locutor. Embora seja associado ao locutor, na medida em que ele é a fonte da enunciação, é do exterior que o *ethos* caracteriza esse locutor. O destinatário atribui a um locutor inscrito no mundo extradiscursivo traços que são em realidade intradiscursivos, já que são associados a uma forma de dizer. Mais exatamente não se trata de traços estritamente “intradiscursivos” porque, como vimos, também intervêm, em sua elaboração, dados exteriores à fala propriamente dita (mímicas, trajés...) (MAINGUENEAU, 2008, p. 14)

Desde a antiguidade a linguagem é dotada de poder e a capacidade de manipular os recursos enunciativos está fortemente relacionada à construção de uma imagem de si, é a enunciação que o locutor, ao produzir um enunciado, é capaz de imprimir sua marca de maneira implícita ou explícita para o outro, conforme afirma Catherine Kerbrat-Orecchioni (1980) em sua obra “*La enunciacion de la subjetividad en El lenguaje*”, citada por Amossy (2005).

Para Kerbrat-Orecchioni (1980), o discurso é marcado pela subjetividade e por meio das marcas linguísticas é possível compreender como o indivíduo está inserido na enunciação, ou seja, ele pode ser revelado de maneira explícita para o outro, uma vez que, na linguagem fatores como emoções e pensamentos são expressos. Amossy, complementa que:

Todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si. Para tanto, não é necessário que o locutor faça seu auto-retrato, detalhe suas qualidades, nem mesmo que fale explicitamente de si. Seu estilo, suas competências linguísticas e enciclopédicas, suas crenças implícitas, são suficientes para construir uma representação de sua pessoa. Assim, deliberadamente ou não, o locutor efetua em seu discurso uma apresentação de si. (2005, p.9)

Como vimos, a ideia de *ethos* foi concebida historicamente em teorias como as da argumentação sendo reformulada, mais tarde, no campo das ciências da linguagem pelos teóricos da pragmática-semântica e da Análise do Discurso. Delineado pelos linguistas franceses Oswald Ducrot e Dominique Maingueneau, o *ethos* está presente não apenas no discurso, mas também na troca verbal, no entanto, ele não é dito (na oralidade ou escrita), mas revelado, percebido.

Portanto, a análise do *ethos* está fundamentalmente ligada ao estudo da interlocução “que leva em conta os participantes, o cenário e o objetivo da troca verbal” (AMOSSY, 2005, p. 124). Antes mesmo do enunciador falar, o seu interlocutor poderá, também,

construir uma representação do *ethos*, é o que denominamos *ethos pré-discursivo*, que é aquele que faz referência à imagem que o coenunciador constrói do enunciador, antes do discurso ser proferido.

### **Calvin, D. Hermengarda e Sr. Spittle: um olhar voltado para as ações e interações na construção do *ethos***

Analisando os pressupostos teóricos referentes ao conceito de *ethos* discursivo, chegamos à conclusão que, em uma determinada situação comunicativa, o enunciador coloca em ação mecanismos que contribuem para a construção de uma imagem de si que é estabelecida por seus interlocutores. Avaliaremos aqui as imagens discursivas sugeridas nos personagens do autor Bill Watterson nas tiras em quadrinhos “Calvin e Haroldo”, dadas as condições de produção dos discursos no ambiente escolar.

Calvin é o protagonista das mais consagradas tirinhas cômicas de Bill Watterson, trata-se de uma criança de classe média, com 6 anos de idade e muita personalidade, ele vive entre a realidade e as diversas aventuras proporcionadas pelo seu imaginário criativo, muitas dessas aventuras são “vivenciadas” quando o personagem está na escola, durante as aulas.

No Brasil, uma criança na idade escolar de Calvin estaria na primeira etapa da educação básica, no seu país de origem, os Estados Unidos da América, ele está na etapa correspondente ao nosso Ensino Fundamental, que seria a *Elementary school* fase escolar que atende as crianças entre 6 e 11 anos de idade ou do 1º ao 5º ano. Com uma rotina não muito diferente das crianças de sua idade, Calvin, diariamente, tem que frequentar a escola e, acompanhado do seu tigre de pelúcia e amigo imaginário Haroldo, cumprir as tarefas que são solicitadas pela professora Hermengarda.

Em sucessivas tirinhas com cenas que representam Calvin na escola, investigamos o perfil profissional da sua professora e do diretor dessa instituição através dos discursos ora proferidos por eles nas narrativas, como temos na tirinha da sequência:



**Figura 1 – (WATTERSON, 2007, P. 7)**

Um primeiro aspecto a ser analisado nesse quadrinho da figura 1, seria o enunciado pronunciado pela professora, “*o mostre e explique já acabou, Calvin*”. Esse discurso revela uma metodologia de ensino característica de uma educação tradicional e certamente descontextualizada, que não deve conduzir ao pensamento crítico do aluno, pois não estão ligadas à prática cotidiana, bem como atividades sugeridas que seguem a linha como: “circule”, “sublinhe”, “aponte”, entre outras metodologias de ensino que se distanciam da

realidade, com isso, o papel da escola é, por vezes, questionado pelo próprio Calvin em várias passagens das narrativas gráficas, como bem ilustra os quadrinhos da figura 2:



Figura 2 – (WATTERSON, 2007, P. 15)

Calvin procura sempre se esquivar das perguntas realizadas durante as aulas, ainda no mesmo enunciado citado na figura 1, quando a professora usa a expressão “já acabou”, ela demonstra que tem conhecimento do comportamento de fuga do aluno, no entanto, revela posturas indiferentes em relação às atitudes dele. Ilustrando o que acabamos de afirmar sobre o comportamento de Calvin ao tentar sempre se eximir dos questionamentos da aula, podemos observar na figura abaixo:



Figura 3 – (WATTERSON, 2007, P. 28)

Outro aspecto predominante do *ethos* de moral e poder da personagem, reforçado na figura 3, é a imagem que emerge quando observarmos a varinha que a professora segura nas mãos em boa parte das tirinhas, retomando um estereótipo social do professor que manuseia este instrumento para bater no quadro, com a intenção de apontar os conteúdos ou chamar a atenção de seus alunos, simbolizando uma conduta conservadora de autoridade e de único detentor do saber.

No último quadrinho dessa mesma tirinha, a senhorita “Wormwood” (*Worm*-minhoca, verme; *Wood*-madeira), como Calvin e sua amiga Susie costumam chamá-la, surge como um enorme monstro, que ele pretende combater ao longo de várias tirinhas em que as cenas se passam na escola, o que reflete as acepções ideológicas desse personagem em relação à figura do docente.





Figura 4 - (WATTERSON, 2007, P. 14)

Em uma dessas cenas na sala de aula, Calvin em sua imaginação transforma-se no astronauta *Spiff* que vive em um planeta chamado *Zorg*. O “*mundo estranho*” ao qual ele se refere no primeiro quadrinho da figura 4 é a escola, e os seres estranhos que surgem no penúltimo e último quadrinho dessa sequência, são os professores,.

Relações de interação como essas observadas nos subsidiam na apreensão do *ethos* da professora, que tem sua imagem e representações discursivas associadas ao desestímulo desse profissional. De acordo com Maingueneau (2008, p. 17) “a noção de *ethos*, que mantém um traço crucial com a reflexividade enunciativa, permite articular corpo e discurso para além de uma oposição empírica entre o oral e escrito”.

A caracterização do corpo do enunciador na personagem em estudo é evidenciada pela idade avançada, aparência de cansaço e humildade, ao vestir um único vestido de bolinhas ao longo de todas as narrativas. Em outras tirinhas não reunidas no livro “*Calvin e Haroldo: e foi assim que tudo começou*”, por isso não foram tratadas aqui, essa personagem revela a vontade de se aposentar e sair da realidade profissional em que se encontra. Assim, verificamos nas primeiras análises que “*caráter*” e “*corporalidade*” unem-se a favor da construção da identidade de um indivíduo a partir da enunciação.

O “*caráter*” corresponde a um feixe de traços psicológicos. Quanto à “*corporalidade*”, ela está associada a uma complexão física e uma maneira de vestir-se. Mais além, o *ethos* indica uma maneira de se mover no espaço social, uma disciplina tácita do corpo apreendida através de um comportamento. O destinatário a identifica apoiando-se num conjunto difuso de representações sociais avaliadas positiva ou negativamente, em estereótipos que a enunciação contribui para confrontar ou transformar [...] (MAINGUENEAU, 2008, p. 18)

Como observamos, em meio às “*batalhas*” travadas nesse “*mundo*” paralelo criado por Calvin, ele procura fugir da realidade do mundo moderno, dos dilemas da natureza humana e, até mesmo, da sala de aula, sendo muitas vezes surpreendido pela senhorita

Hermengarda que, como ato punitivo, o encaminha frequentemente para a sala do Sr. Spittle, diretor da escola.



Figura 5 - (WATTERSON, 2007, P. 1

Podemos atestar que as imagens discursivas firmadas pelo estereótipo social do diretor não correspondem às recentes discussões acerca do perfil desse profissional. O modelo adotado na maior parte das escolas brasileiras e nas de vários países, embora na prática ainda não corresponda ao ideal, é o de uma gestão democrática. Nesse segmento, a administração de conflitos na escola não é papel apenas do “diretor”, devendo haver nessa instituição um órgão colegiado que dialogue com o professor e a família na intenção de resolver os problemas e fortalecendo as relações família e escola.



Figura 6 - (WATTERSON, 2007, P. 32)

Na situação retratada nas figuras 5 e 6, o Sr. Spittle demonstra através do seu ato enunciativo um discurso centralizador: “*O que eu quero é que vocês dois prestem mais atenção à aula, entenderam?*” O enunciado “*eu quero*” simboliza um *ethos* de auto-suficiência, como se o simples apelo ao proferir essas palavras para os alunos tivesse o poder de convencê-los do contrário. Nesse sentido, “a apresentação de si não se limita a uma técnica apreendida, a um artifício: ela se efetua, frequentemente, à revelia dos parceiros nas trocas verbais mais corriqueiras e mais pessoais” (AMOSSY, 2005, p. 9).

Logo, o *ethos* de autoridade máxima, além das marcas enunciativas do locutor, torna-se evidente devido a um conjunto de valores e crenças que determinam uma imagem

pré-concebida da figura centralizadora do diretor, até mesmo através de elementos extralinguísticos como a altura do birô da sala da direção que, diante da estatura das crianças, pode representar uma conotação de superioridade, ou seja, estabelece uma ideia de verticalidade na relação professor-aluno.

A formação discursiva de Calvin revela um comportamento típico de uma criança que está inserida entre os traços do *ethos* de personagens infantis de tiras cômicas, a imaginação é um desses traços. Segundo Gatti, em crianças como Calvin, bem como nas personagens Mafalda e Charlie Brown:

[...] observa-se um traço comum: todos eles dizem coisas, mesmo que engraçadas, que teriam um status diferenciado, que não estariam na ordem da fala cotidiana. De alguma maneira, eles enunciam “verdades”, “frases filosóficas”. No nosso ponto de vista, essa possibilidade de esses personagens emitirem essas enunciações “superiores” está relacionada à própria estereotipia atrelada à criança no humor em geral. (GATTI, 2013, p. 172)

Portanto, verificamos que as formações discursivas instituídas nas trocas verbais dos personagens dessas tirinhas aliadas à maneira que os enunciados foram proferidos e a ideia de “corporalidade” figurada nas ações e interações dos personagens analisados, foram elementos que contribuíram significativamente para a construção da imagem discursiva de cada um deles. Embora a narrativa seja ficcional, as ideias nela implícitas e os posicionamentos discursivos dos personagens nos revelam traços dos *Ethoi* (no plural) de muitos alunos e profissionais da educação não divergentes da realidade social vigente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da presença de diversos elementos do imaginário de uma criança, como tigres que falam, extraterrestres, super-heróis e pistolas de raios mortíferos, foi possível contemplarmos as diversas facetas do mundo real expressas através das perspectivas do autor para a construção da identidade social assumida pelos personagens representados nas tirinhas de “Calvin e Haroldo”.

Notamos que esses personagens são constituídos a partir de estereótipos sociais, o professor que se apropria de práticas pedagógicas tradicionais, pois, além de uma formação deficiente, está descontente com a desvalorização de sua profissão, o diretor centralizador que já não tem forças para intervir nos problemas de indisciplina de seus alunos e o estudante que “vive no mundo da lua”, como afirma a expressão comumente utilizada pelos professores para definir o comportamento de alunos que têm dificuldade de concentração nas aulas.

O comportamento e as marcas discursivas da profissional docente, do diretor e do aluno insatisfeito com sua escola, concebida como um espaço onde ele não consegue desenvolver muitas de suas capacidades individuais, suscitam a estruturação do *ethos* de cada um desses indivíduos.

Relacionadas com a realidade, essas imagens discursivas constituídas ao longo das narrativas analisadas, presumem as dimensões sociológicas da análise do discurso, uma vez que os dispositivos da enunciação podem posicionar-se, até mesmo, a favor da representação de valores socialmente cristalizados.



## REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 9-127.

GATTI, Márcio Antônio. **A representação da criança no humor: um estudo sobre tiras cômicas e estereótipos**. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2013. p. 172.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. La enunciacion de la subjetividad en El lenguaje. Buenos Aires, Argentina: Huchette, 1980. In AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (orgs.). **Ethos discursivo**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 13 -17.

NICOLAU, Marcos. **Tirinha: a síntese criativa de um gênero jornalístico**. João Pessoa: Marca de Fantasia, 2007. p. 14-25

WATTERSON, Bill. **Calvin e Haroldo: e foi assim que tudo começou**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2007.